

1

Não sei como as árvores conseguem manter-se no mesmo lugar de sempre, recebendo o mesmo vento e as mesmas tempestades, secas pelo sol e humedecidas pelo cacimbo da noite. Tudo num silêncio só alterado pela inquietação dos pássaros. É a visão do real que se reflecte no pensamento de uma criança e indica, desde já, a sua presença neste texto, junto a uma casa, com os vidros partidos. É o seu olhar fixo na água que escorre para o soalho e o seu corpo que integra a própria matéria das paredes, a malignidade que se impregnou nos alicerces.

Essa criança vai gatinhando pelo corredor estreito, entre as pernas dos adultos, e sente os passos deles contra os ouvidos como se fossem disparos de espingarda. A cor dos sapatos bate-lhe nos olhos. Parecem animais a correr num parque. A criança, um rapaz que já se desloca um pouco de pé, tem as pernas feridas de tanto raspar pelas tábuas. Na carne, junto aos joelhos, vêem-se ainda farpas que o chão velho lança para cima, deixando a descoberto um pó escuro e pequenos novelos de algodão enrolados em cabelo. Mais tarde, esses passos aumentam de volume e há gritos e alvoroço por cima da madeira anunciando mais uma tragédia, mais um risco negro na família.

As plantas morrem no meio da geada, estou a vê-las a engelhar nos tufos de ervas que se encontram no outro lado do beco, na pequena berma da curva da estrada alcatroada que existe por cima da rua. A vegetação desce até às casas de rés-do-chão que ocupam

aquele espaço, terminando num pátio sem saída onde o dono guarda os burros, as mulas e a palha, uma ou duas vacas leiteiras e todos os arreios dos animais.

Lá ao fundo, para onde desce a vila, há um grande mar e é sobre ele que cai uma chuva intensa que depois atinge os telhados e transforma as ruas em pequenos riachos. A água vai subindo pelas encostas que protegem a arquitectura dessa vila e desaparece para norte. É do mar que vêm os gritos que caem em cima da criança como uma pedra, como se uma ave belicosa viesse poisar-lhe nas costas e debicasse as bolas de trapo e papel que o tio lhe havia feito para servirem de brinquedo.

Inicia-se aqui uma nova vertigem de luto, com as mulheres num choro violento e os homens a fumarem pelos cantos, um cheiro intenso a velas e a borras de café e um grande lençol que estendem em cima de uma cama como se tudo aquilo não fosse apenas um ritual, mas de novo a maldição a entrar naquela família, uma coisa gravada pelo tempo no promontório que tomba sobre o mar.

*Nesta casa só se fala de morte, diz o pescador velho,
e mesmo aquele que anda ali pelo chão aos trambolhões agarra-
do aos trapos tem os dias contados, vai deixar de ser criança cedo.*

Há qualquer coisa de incerto no olhar da criança, uma ausência de claridade como se um besouro voasse à sua volta e lhe turvasse a vista. Está vestido com uma roupa de xadrez, cheia de remendos, e o seu corpo pequeno, enroscado devido ao frio, exala um cheiro a podre, como se tivesse um rato morto dentro do bolso.

Uma mulher vestida de preto senta a criança num canto e põe-lhe um prato de peixe frito em cima do colo. O rapaz vai engolindo a comida com a ajuda das mãos e é dele que vem o único sorriso da casa, um sorriso mordaz, de comprazimento, como se percebesse o que se passa à sua volta, aquela morte que aconteceu, e isso lhe desse uma satisfação invulgar, um desejo de sujidade, um desígnio que os adultos não entendem.

É naqueles momentos, no meio do choro das viúvas e do silêncio dos velhos, que ele se sente dominador. Só a avó sabe que aquela criança tem qualquer coisa de desumano. O destino marcou-a, tal como aconteceu ao tio que um dia se atirou do penhasco para a morte e a deixou numa espécie de purgatório, num lugar onde ela se havia refugiado com a culpa,

*todas as manhãs aquela cantilena,
(...) minhas lágrimas são flores (...),*

versos lançados para o ar em nome do filho morto, uma quadra surda disparada contra as paredes, sem ouvintes, sem espectadores, a não ser aquele neto que rasteja ainda pelo chão, carregando o peso de uma futura tragédia.

O mal pertence àquela casa e, naquele momento em que chega a notícia de que mais um familiar naufragou, a avó não tem mais ninguém a quem se agarrar senão ao neto, àquela criatura que devora agora o peixe frito como um gato esfomeado.

As galinhas andam pelo beco e entram no pátio sempre que o dono se esquece de fechar o portão. O rapaz desde cedo aprende a lançar pedras contra as árvores, contra os bidões de gasóleo e de água, e rapidamente a criação foge assim que ele põe os pés na rua, saltando por cima do pequeno taipal, junto ao degrau que protege a entrada da casa no inverno.

Sempre que a avó mata uma galinha, chama o neto para perto de si para que ele aprenda como se lhe torce o pescoço. Explica-lhe o movimento das mãos, o modo como se acaricia o peito do bicho e se lhe tapa os olhos, a maneira adocicada como se assobia junto aos ouvidos e se lhe tranca as patas entre os joelhos.

Eu mato assim as galinhas, não gosto de as ver a correr por aí sem cabeça, feitas tontas. Torço-lhes o pescoço, meto-as na água quente e depeno-as. Vês as tripas? Vão para as outras galinhas, para engordarem, para a seguir as matarmos também.

A criança agarra nas tripas com orgulho, fixa as mãos cobertas de sangue e corre pelo beco atirando-as ao ar. A criação aproxima-se, sem medo das pedradas, porque também ele se esboja no chão com as galinhas e os patos.

2

O tio conta-lhe,

Vou à cidade tratar de uns papéis, encontro-me com um homem que veste um casaco cinzento e anda com um bloco e um tinteiro, tudo bem arrumado numa caixa pequena de cartão onde se vê também um lápis, uma borracha, um mata-borrão, um carimbo, uma caixa de fósforos, uma rolha e um pedaço de lacre. Vende, ao mesmo tempo, selos e meias folhas de papel selado. Tem um bigodinho mal aparado mas que não chega para tapar completamente o lábio leporino. Uma grande racha desce-lhe de uma das narinas e enfia-se pela boca adentro, o que lhe provoca um ligeiro defeito na voz.

A primeira coisa que me diz é,

Não ligue à minha cicatriz, concentre-se no seu pedido e no preço que lhe vai custar. Eu faço isto por delicadeza, por amor aos outros, sou católico.

A criança olha para o tio, para os lábios do tio, a tentar descobrir alguma cicatriz escondida, algum vestígio de pele branca ou de ranho seco, mas não encontra nada de perigoso, apenas uma marca no lado esquerdo do nariz, uma borbulha minúscula que mais parece uma cagadela de mosca.

O tio conta-lhe,